

ENFERMEIROS VIVENCIAM O SOFRIMENTO MORAL EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL

Vanessa Torres Pereira¹, Marluce Alves Nunes Oliveira², Elaine Guedes Fontoura³, Maria Lúcia Servo⁴, Joselice Aleida Góis⁵, Ivanilza Carminha da Silva⁶, Deborah Soares Assis⁷, Anna Carolina Oliveira Cohim Silva⁸, Lorraine Alves de Souza Santos⁹.

Resumo: O sofrimento moral emerge quando a pessoa tem o conhecimento sobre a maneira correta de agir diante de uma situação, embora assim não o faça, por impedimentos externos ou internos à ação. Pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, que tem como objetivo compreender o sofrimento moral vivenciado pelo enfermeiro em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. O estudo foi desenvolvido em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal de hospital geral público, em Feira de Santana-Bahia-Brasil. A Pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana, sob parecer número 1.976.768. Os participantes foram seis enfermeiros que atuam em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. Foi utilizada a entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados, realizada em julho de 2017. A análise dos dados foi realizada pelo método de análise proposto por Martins e Bicudo. A partir da leitura horizontal e vertical dos depoimentos emergiu a categoria “Compreensão dos enfermeiros sobre o sofrimento moral”. Os resultados apontaram que os enfermeiros compreendem o sofrimento moral. Eles emergem pela inobservância dos valores e princípios éticos; a falta de autonomia do enfermeiro e tem relação com a ansiedade/impotência do enfermeiro. Conclui-se que as instituições de saúde carecem de promover condições de trabalho para o enfermeiro que atua em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal, vez que existe a necessidade da prevenção do sofrimento moral, a fim de possibilitar a promoção de assistência de enfermagem ética, competente e humana.

Palavras-chave: Sofrimento moral. Enfermeiro. Unidade de Terapia Intensiva Neonatal

¹ Acadêmica do 10º semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana. Bolsista de Iniciação Científica pela FAPESB. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos em Saúde (NIPES). Email: fsavtp@hotmail.com. Celular (75)9166-7075.

² Doutora em Enfermagem. Professora do Departamento de Saúde da UEFS, disciplina Pesquisa em Saúde. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos em Saúde (NIPES). Coordenadora do Projeto de Pesquisa VIVÊNCIAS DE CONFLITOS E DILEMAS ÉTICOS NA PERCEPÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM NO CENTRO CIRÚRGICO.

³ Doutora em Enfermagem. Professora do Departamento de Saúde da UEFS, disciplina Gerência de Enfermagem nos serviços de Saúde. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos em Saúde (NIPES).

⁴ Doutora em Enfermagem. Professora do Departamento de Saúde da UEFS. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos em Saúde (NIPES).

⁵ Mestre em Enfermagem. Professora do Departamento de Saúde da UEFS, disciplina Enfermagem na Saúde do Adulto e Idoso 3. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos em Saúde (NIPES).

⁶ Acadêmica do 9º semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana.

⁷ Acadêmica do 8º semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana.

⁸ Enfermeira Intensivista Neonatal. Mestranda do Mestrado profissional de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana.

⁹ Acadêmica do 5º semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana.

INTRODUÇÃO

Na prática do profissional de enfermagem torna-se imprescindível que a ética permeie as suas ações, em especial, na prática dos enfermeiros que atuam em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), a fim de que sejam realizadas com discernimento (PEREIRA, 2016).

A UTIN é uma unidade hospitalar elegível para o atendimento de recém-nascidos (RN) considerados graves, ou com risco de morte. Essa unidade deve possuir estruturas assistenciais com condições técnicas e tecnológicas adequadas à prestação de assistência especializada, incluindo instalações físicas, equipamentos e recursos humanos (BRASIL, 2012). Dessa forma, os procedimentos são desenvolvidos por uma equipe multiprofissional integrada e habilitada.

A UTIN é considerada um ambiente complexo, onde são implementadas intervenções, ausentes de riscos ao RN, por se tratar de um ser em estado frágil. O enfermeiro é responsável pela assistência direta ao RN, logo esse ambiente torna-se favorável a inúmeras preocupações por parte desse profissional (MONTANHOLI; MERIGHI; JESUS, 2011).

A enfermagem tem sua prática desenvolvida em um contexto social de cuidado, cujos profissionais estão a todo o momento próximo aos pacientes, que se constitui como causa primária de sofrimento moral (LUNARDI, 2009).

O filósofo Andrew Jameton, de nacionalidade americana, foi o pioneiro que realizou estudos sobre sofrimento moral em enfermagem, temática que emerge quando há o conhecimento da maneira correta de agir, embora assim não o faça, por impedimentos externos, ou internos à ação (JAMETON, 1993).

Os enfermeiros experimentam o sofrimento moral como sensação dolorosa, caracteriza-se como sentimento de desequilíbrio psicológico, tendo como incidência a falta de tempo, inibidora atitude do poder médico, ordem jurídica, dentre outros (DALMOLIN, 2012).

Para Carnevale (2013), a conjectura do sofrimento moral demonstra uma forma compreensível de perceber as dificuldades que os profissionais vivenciam durante seu trabalho. O autor ainda refere que o sofrimento dos enfermeiros, indica um envolvimento

moral consciencioso com sua prática profissional, gerando um confronto, ou este sofrimento impede que o enfermeiro desempenhe sua ação de acordo com seus padrões éticos.

A equipe de enfermagem pode apresentar o sofrimento moral quando existem condições que admitam a realização de um julgamento moral, relacionado a seu experimento, porém são impossibilitados de expressar sua tomada de decisão por sofrer situações constrangedoras. Desse modo, o sofrimento moral provoca mudanças específicas na vida do profissional no que tange a dimensão pessoal, podendo assim repercutir no desempenho de suas funções. Portanto, o sofrimento moral pode ser um indicador de problemas no contexto da UTIN (LUNARDI, 2009).

No contexto hospitalar, de diferentes localidades, favorecem divergências quanto à compreensão do sofrimento moral, pois condições como bons salários, diálogos entre os profissionais, liberdade para agir, estabilidade profissional entre outros, podem contribuir para o enfrentamento das situações que desencadeiam o sofrimento moral (BARLEM, 2013).

Este estudo tem como objetivo compreender o sofrimento moral vivenciado pelo enfermeiro em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. Justifica-se esta pesquisa pela escassez da temática nas bases de dados nacionais.

METODOLOGIA

Realizamos estudo qualitativo, exploratório e descritivo. O estudo foi desenvolvido na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), de um hospital geral público, situado no município de Feira de Santana-BA, localizada há apenas 107 km da capital do estado, Salvador.

Os participantes foram seis enfermeiros que atuam na UTIN e que atenderam aos critérios de inclusão por desenvolver atividade assistencial com RN's por mais de um ano, não se encontrar em férias, afastamento ou licença. A coleta de dados foi realizada em julho de 2017.

Para assegurar o sigilo e privacidade os participantes foram identificados por pseudônimos, escolhidos e grifados, pela pesquisadora como mostramos a seguir: Perla, Paula, Priscila, Pedro, Poliana e Patrícia.

Foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B) para garantia dos seus direitos e segurança. Também foi comunicado sobre sua liberdade em desistir em qualquer etapa da pesquisa. Após a compreensão dos participantes o TCLE foi assinado para a realização da pesquisa.

Os dados empíricos foram tratados a partir do método de análise proposto por Martins e Bicudo (2005), que se constituiu em Análise Ideográfica e Análise Nomotética.

A **análise ideográfica**, a qual é criteriosa e sistemática, diz respeito à representação das ideias que foram expressas nos relatos de cada participante. Elas são descrições ingênuas dos sujeitos que contém significações diferentes, onde ao ler, o pesquisador procura analisar e agrupar as unidades de significados isoladas e em grupos. Esta se constitui a fase mais difícil da pesquisa (MARTINS; BICUDO, 2005).

A **análise nomotética**, para Martins e Bicudo (2005), o termo nomotético sugere a elaboração de leis, ou seja, tem caráter legislativo e se baseia em fatos. Essa abordagem indica um movimento de passagem do individual para o geral, presente na manifestação do fenômeno estudado, como salientam Martins e Bicudo (2005, p. 106) que “O objeto ou o fim a chegar nesta análise nomotética é a estrutura geral psicológica”.

O estudo seguiu as recomendações do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE). Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (CEP), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), CAAE 63982517.5.0000.0053 e sob parecer nº 1.976.768. Cumpriu as orientações do Conselho Nacional de Saúde, de acordo a Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012 e Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Após a fase de leitura dos relatos decorrentes das entrevistas realizadas com os enfermeiros da UTIN emergiu a categoria: “Compreensão dos enfermeiros sobre sofrimento moral”.

Participaram da pesquisa 06 enfermeiros da Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), dos quais 05 do sexo feminino e apenas 1 do sexo masculino. Relacionado à faixa etária, 3 dos participantes possuíam idade entre 30-39 anos e 3 a idade entre 40-50

anos. Dos participantes, 03 tem outros vínculos empregatícios. Com relação à carga horária cumprida semanalmente pelos enfermeiros: 1 não respondeu; 2 atuam 30 horas semanais e 3 com 40 horas semanais.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA

A análise ideográfica foi iniciada pela leitura criteriosa dos relatos em busca da compreensão e identificação das unidades de significados, a partir daí foram extraídas as palavras significativas, para enfim obter a estrutura do fenômeno em estudo; tomando-a como base continuamos com a construção das subcategorias e categorias empíricas. Nesta fase ainda permaneceu em suspensão, realizando apenas a interpretação dos relatos e deixando de lado referenciais prévios, para assim, adentrar de modo profundo na realidade apresentada pelos participantes.

COMPREENSÃO DOS ENFERMEIROS SOBRE O SOFRIMENTO MORAL

Os relatos dos enfermeiros demonstram que compreendem o sofrimento moral de acordo com suas vivências. Refletem a inobservância dos valores e princípios éticos e o sofrimento moral tem relação com a ansiedade e impotência para o agir do enfermeiro.

Sofrimento moral tem relação com a inobservância dos valores e princípios éticos

A compreensão do sofrimento moral está relacionada com os conflitos entre a ética e valores, ou as situações que acontecem no ambiente laboral que interfere nas metas, no planejamento do trabalho e na conduta de vida do enfermeiro.

[...] quando algumas situações em sua vida cotidiana, não só em relação ao trabalho, que **lhe faz entrar em sofrimento, em atrito com o que você pensa, com sua ética, com seus valores e aquilo te faz você sofrer**[...] (Enf. Perla) (grifo nosso).

[...] é quando alguma coisa no seu **trabalho vai de encontro ao que você tem como meta**, como roteiro de trabalho, como conduta de vida, [...], por

exemplo, eu preconizo muito a **humanização da assistência à família** do recém-nascido, porque eu acho que é **uma família muito fragilizada**, muito mais do que qualquer outra é... E às vezes a gente vê que a coisa não acontece da forma como deveria, **a gente vê mães sendo maltratadas aqui, parentes sendo maltratados aqui**, então isso **vai de encontro a tudo que você preconiza [...]** (Enf. **Paula**) (grifo nosso).

As enfermeiras reconhecem que existe o sofrimento moral em sua prática. Para **Perla**, o sofrimento moral é compreendido como situações cotidianas que desencadeiam sofrimento, atrito com a ética e os valores. **Paula** desvela que o sofrimento moral é compreendido como situações que ocorrem no ambiente laboral e vai de encontro às metas e as condutas. Ela considera a importância da humanização no cuidado à família do recém-nascido.

Para os enfermeiros o sofrimento moral irá refletir em seu desempenho prático por ir de encontro aos princípios éticos e morais, como mostra os relatos abaixo.

[...] sofrimento moral é **algo que fere, que vai de encontro ao que você tem como correto, ao fio que você tem [...]** de ética, eu sei que ética é diferente de moral, né? Mas, que andam juntas, mas que fere os seus princípios. [...] (Enf. **Priscilla**) (grifo nosso).

Incapacidade do **profissional de enfermagem exercer sua atividade com ética [...]**. (Enf. **Pedro**) (grifo nosso).

Para a **Priscilla**, o sofrimento moral é compreendido como algo contrário ao que é correto, que fere os princípios éticos e morais. O sofrimento moral é compreendido por **Pedro** como incapacidade do profissional executar as funções eticamente.

Sofrimento moral está relacionado ansiedade e impotência para o agir do enfermeiro

Nos relatos os enfermeiros desvelam que a falta de autonomia para executar as ações pertinentes a sua classe profissional, condições precárias no ambiente laboral poderão acarretar em sofrimento moral e refletir na assistência de qualidade.

Incapacidade do profissional de enfermagem **exercer sua atividade com ética, responsabilidade e condições adequadas de trabalho**. Somos submetidos à **precarização do trabalho, sem as condições adequadas para uma assistência integral e de qualidade**. (Enf. **Pedro**) (grifo nosso).

[...] É uma falta de protocolo muito grande aqui entre os médicos que existem, um chega prescreve uma coisa, outro chega prescreve outra coisa, e [...] **você é obrigada a fazer determinadas condutas, determinados procedimentos, que você sabe que está errado**, que você sabe que não deveria ser aquele, mas que você não tem a **autonomia de dizer: não, não vou fazer, por que não é o certo!** Então, isso vai de encontro a tudo que você pensa que seja o certo [...] dentro do seu ambiente de trabalho, que você não trabalha sozinho, você trabalha com uma equipe multiprofissional. Então, você às vezes é **obrigado a executar determinadas atividades aqui dentro que vai de encontro a tudo que você prega** [...] (Enf. **Paula**) (grifo nosso).

Os enfermeiros exprimem que ao exercer suas atividades sem autonomia pode ser o causador do sofrimento moral. **Pedro** desvela que ao ser submetido a condições precárias de trabalho a assistência integral fica com a qualidade comprometida e o enfermeiro se torna incapaz de atuar eticamente. Enquanto **Paula** relata que a falta de protocolos entre os médicos obriga a equipe multidisciplinar a executar condutas errôneas, por falta de autonomia, sendo compreendido como circunstância contrária ao que julga correto.

Quando o enfermeiro é dotado de autonomia, este se sente independente para realizar as condutas legalmente corretas, como mostra o relato da enfermeira Priscila:

[...] passei por uma situação com uma chefia, que eu teria que receber um recém-nascido na minha unidade, só que **não tinha condições de eu receber** (ausência do médico no período), aí eu conversei com o chefe de plantão e ele concordou comigo **que não recebesse (sussurrou ... Eu tenho medo de contar...)** [...] quando o outro chefe tomou conhecimento que eu não recebi, foi até a chefia maior dele e **pediu para que eu fosse demitida** [...]. Eu **tive apoio das colegas enfermeiras, técnicas de enfermagem e alguns médicos**, porque eu **sabia que legalmente eu estava correta** [...]. Fiz um documento por escrito me protegendo [...] (Enf. **Priscilla**) (grifo nosso).

A autonomia da enfermeira pode suscitar conflitos e isto ser gerador de sofrimento moral. Para **Priscilla**, a ordem que vai de encontro ao ideal para receber um

paciente, sendo que legalmente ela não poderia receber o paciente. Essa situação gerou um conflito, porém mesmo estando legalmente correta isso não impediu que o profissional solicitasse a sua demissão. Entretanto, a união da equipe multidisciplinar e o apoio da equipe de enfermagem, pois perceberam que ela estava agindo no sentido de evitar complicações para o paciente.

Nos relatos das enfermeiras o sofrimento moral está relacionado com sentimentos, sendo destacado a ansiedade e a impotência.

[...] sofrimento moral [...]. **Desencadeia ansiedade.** [...] gerou uma sensação **de impotência**, eu sabia que estava correta, mas o que estava imperando era o poder da chefia (médicos), gerou também um **sentimento de ansiedade.** (Enf. **Priscilla**) (grifo nosso).

[...] Aquela **sensação que você nadou, nadou e morreu na praia**, Que você **poderia ter feito muito mais e não conseguiu**, e, aquilo realmente lhe traz um sofrimento que pode ficar **marcado a vida toda.** (Enf. **Perla**) (grifo nosso).

No relato de **Priscilla**, o sofrimento moral pode desencadear sentimento de ansiedade e impotência para agir diante das situações vivenciadas na prática. Para **Perla**, o fato de se sentir impotente em não ter conseguido realizar ações além de suas possibilidades, desencadeou o sofrimento moral.

ANÁLISE NOMOTÉTICA

Após a análise ideográfica dos relatos, deu-se início à análise nomotética considerando as diversas ideias dos participantes, em um movimento de passagem do individual para o geral, envolvendo uma compreensão e articulação entre essas categorias conforme recomenda Martins e Bicudo (2005). De forma a intensificar a compreensão do fenômeno foi realizada nova leitura dos recortes dos relatos e da análise ideográfica.

COMPREENSÃO DOS ENFERMEIROS SOBRE O SOFRIMENTO MORAL

O sofrimento moral surge quando o profissional sente-se pressionado a agir de forma não ética. Para Lunardi (2009, p. 60), a “Ética é um termo alusivo a várias formas de analisar e entender a vida moral. A moral expressa um sistema de valores, emergindo normas reconhecidas como corretas em grupos sociais”. Assim o sofrimento moral é desencadeado quando o curso ético-moral da ação não é considerado adequado.

Para Perla e Paula, o sofrimento moral é compreendido como quando situações cotidianas se atritam aos valores éticos e morais. Para Rennó, Brito e Ramos (2015) no estudo sobre o estágio curricular e o sofrimento moral do estudante de enfermagem, constatou-se que o sofrimento moral emergiu em uma situação em que o estudante foi impedido de se posicionar, ao considerar uma ação eticamente correta, melhor e mais justa.

A inobservância dos valores éticos – morais, ocasionam o sofrimento moral e alteram a execução das ações numa perspectiva ética (Priscilla e Pedro). Silveira e colaboradores (2016) corroboram com o estudo ao identificar como causa de sofrimento moral em profissionais de enfermagem os problemas éticos, estes foram caracterizados por atitudes indesejáveis numa perspectiva ética sendo eles: os conflitos éticos, dificuldades relacionadas com a competência do profissional e embates políticos, ressaltam ainda que estas situações se relacionam a amplitude de problemas no sistema de saúde.

A enfermagem tem suas atividades orientadas por princípios e normas contidas no Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem, no Artigo 48, é responsabilidade e dever do profissional de enfermagem “Cumprir e fazer os preceitos éticos e legais da profissão”. (CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM, 2013). Nesse sentido, fica explícita a necessidade de uma postura embasada na ética e na legislação na prática do enfermeiro.

Para tanto, é necessário que o profissional desempenhe suas atividades de forma autônoma, sendo assim, foi desvelado nos relatos dos enfermeiros que a falta de autonomia está relacionada ao sofrimento moral no enfermeiro, como relataram Pedro, Paula e Perla.

Para Huffman e Rittenmeyer (2012), os enfermeiros podem vivenciar o sofrimento moral quando sente dificuldade em exercer o poder, esta dificuldade está relacionada à baixa autonomia e a tomada de decisão referente ao cuidado prestado ao paciente, podendo alterar a integridade pessoal e profissional.

No relato de Priscilla, o enfermeiro que tem autonomia na sua prática pode vivenciar o sofrimento moral. De acordo com Ribeiro (2011), quando o profissional é

autônomo ele se responsabiliza pelas decisões tomadas. Este mesmo autor refere que o exercício autônomo leva ao confronto com problemas éticos, necessitando nos enfermeiros adequação aos princípios éticos pessoais e profissionais, o exercício da autonomia deve estar presente em qualquer tomada de decisão do enfermeiro (RIBEIRO, 2011).

De acordo com Pereira (2013) quando o enfermeiro executa suas funções de forma ética e autônoma reflete um compromisso afetivo, técnico e político com a profissão, exigindo, no entanto, um olhar crítico-reflexivo sobre a legislação do exercício profissional de enfermagem.

O sofrimento moral também pode ser compreendido como a vivência de sentimentos dolorosos como a ansiedade e a impotência (Priscilla e Perla). Para Ramos e colaboradores (2016), há um consenso em relação ao sofrimento moral sendo apontada uma relação com o sentimento de impotência e outros complexos sentimentos que resultam em desequilíbrio psicológico e físico (DALMOLIN, 2012; MOLAZEM, 2013; RAMOS, 2016).

Para Renno, Brito e Ramos (2015), a pessoa pode apresentar variados sentimentos ao se deparar com questões éticas, vivenciar diversas formas de sofrimento, sendo o sofrimento moral suscitado quando há sensibilidade moral e sensação de impotência por não conseguir executar uma ação eticamente imprescindível ao cuidado.

O sofrimento moral também pode ser associado às respostas psicológicas como medo, ansiedade, insegurança, estresse, esgotamento, exaustão emocional, e até mesmo levar a insatisfação no trabalho (SILVEIRA, et. al., 2016). Em outro momento estes autores referem que cada indivíduo possui uma singularidade quanto sua experiência com o sofrimento moral, sendo assim, um enfermeiro pode experimentar impotência ou angústia, enquanto outro pode não experimentar, mesmo tendo a mesma causa como gerador do sofrimento moral (SILVEIRA, et. al., 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo respondeu ao objetivo proposto ao demonstrar que o enfermeiro sabe o significado do sofrimento moral em unidade de terapia intensiva neonatal, considerando que a metodologia utilizada permitiu adentrar a realidade vivenciada pelos participantes e conhecer como eles compreendem o sofrimento moral na UTIN.

Os enfermeiros compreendem que o sofrimento moral emerge quando não são respeitados os valores e princípios éticos. A falta de autonomia pode levar ao sofrimento moral e o mesmo pode desencadear a ansiedade/impotência do enfermeiro.

Situações como a falta de autonomia, a falta de diálogo entre médicos e familiares estão relacionados com a compreensão dos enfermeiros, eles consideram importante a confiança dos familiares na equipe de saúde, o compromisso do cuidar e que as suas ações sejam realizadas observando os princípios éticos.

Existe a necessidade de que as instituições de saúde produzam condições adequadas de trabalho para produção de uma assistência de saúde com qualidade a fim de que não se desenvolva as doenças relativas ao sofrimento moral, como a síndrome de Burnout, o estresse ocupacional ou esgotamento físico e mental.

REFERÊNCIAS

- BARLEM, E. L., Sofrimento moral em trabalhadores de enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 21 (esp) , p. 1 - 9, Jan - Fev, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. PORTARIA Nº 930, DE 10 DE MAIO DE 2012. Define as diretrizes e objetivos para a organização da atenção integral e humanizada ao recém-nascido grave ou potencialmente grave e os critérios de classificação e habilitação de leitos de Unidade Neonatal no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2012.
- CARNEVALE, F. A. Confronting moral distress in Nursing: recognizing nurses as moral agents. **Rev Bras Enferm**, v. 66 (esp), p. 33 - 38, 2013.
- CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Resolução COFEN nº 311/2007**. Aprova o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. In: CONSELHO REGIONAL ENFERMAGEM DA BAHIA. Salvador, BA, p. 147, 2013.
- DALMOLIN, G. L., et. al. Implicações do sofrimento moral para os (as) enfermeiros (as) e aproximações com o burnout. **Texto contexto enferm**. Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 200-208, jan - mar, 2012.
- HUFFMAN, D. M., RITTENMEYER, L. How professional nurses working in hospital environments experience moral distress: a systematic review. **Crit Care Nurs Clin North Am**. v. 24, n. 1, p. 91-100, 2012.
- JAMETON, A., Dilemmas of Moral Distress: Moral responsibility and nursing practice. **AWHONN's Clinical Issues in Perinatal and Women's Health**. v. 4, n. 4, p. 542 - 551, 1993.
- LUNARDI, V. L. et al. Sofrimento moral e a dimensão ética no trabalho da enfermagem. **Rev Bras Enferm**: Brasília, v. 62, n. 4, p. 599-603, jul - ago, 2009.
- MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 5ª ed. São Paulo: Centauro, p. 110, 2005.
- MOLAZEM, Z. et al. Effect of education based on the “4A Model” on the Iranian nurses’ moral distress in CCU wards. **J MedEthicsHist Med**. v. 6, n. 5, p. 1 - 8, 2013.
- PEREIRA, M. S. Lei do exercício profissional de enfermagem e a autonomia profissional do enfermeiro. **Enferm. Foco**. v. 4 n. 3,4, p. 171 – 174, 2013.

PEREIRA, V. T. **Conflitos Éticos vividos pela equipe de enfermagem no intraoperatório.** Universidade Estadual de Feira de Santana (Relatório Final do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) / Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), Feira de Santana, 2016.

RAMOS, F. R, et. al. Consequências do sofrimento moral em enfermeiros: revisão integrativa. *Cogitare Enferm.* v. 21, n. 2, p. 01-13, Abr/jun, 2016.

RENNO, H. M. S.; BRITO, M. J. M.; RAMOS, F. R. S. Estágio curricular e o sofrimento moral do estudante de enfermagem. *Enferm. Foco.* v. 6, n.1/4, p. 51-55, 2015.

RIBEIRO, J. M. S. Autonomia profissional dos enfermeiros. *Revista de Enfermagem Referência.* v. 3, n. 5 p. 27-36, 2011.

SILVEIRA, L. R.; et. al.. Sofrimento moral em enfermeiros dos departamentos de fiscalização do brasil. *Acta Paul Enferm.* v. 29, n. 4, p. 454- 462, 2016.